



## “Põe alegria na sua cara que você fica nova”: o discurso sobre a velhice nos documentários *Envelhescência e Muitos anos de vida*<sup>1</sup>

Sílvia Góis Dantas<sup>2</sup>

Universidade de São Paulo (USP)

### Resumo

O texto busca analisar o discurso sobre a velhice a partir do documentário *Envelhescência* (2015) e da série documental *Muitos anos de vida* (2016). Com base nos estudos sobre envelhecimento da população e transição demográfica no Brasil, apresentamos uma breve discussão acerca da questão da formação das identidades a fim de perceber como se dá o pertencimento do idoso a essa categoria. Partindo da premissa de que a velhice é uma construção social (DEBERT, 2006), verificamos que tal estágio encontra-se na atualidade bastante ligado a atributos da juventude, bem como à obrigação da felicidade (FREIRE FILHO, 2010), no intuito de gerar maior valorização dos sujeitos e incentivá-los a práticas sociais, dentre as quais o consumo de estilos de vida.

**Palavras-chave:** Discurso; envelhecimento; documentário.

### Introdução

Nos últimos anos, temos assistido a notáveis reconfigurações demográficas globais. Recentemente, a Organização Mundial da Saúde (OMS) divulgou uma previsão de que, até 2050, o número de pessoas com mais de 60 anos vai mais do que dobrar<sup>3</sup>, situação que trará grandes mudanças sociais.

Essa tendência mundial também se apresenta no nosso País, onde é notório o estreitamento da base da pirâmide etária na população graças a dois fatores principais:

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT 2 - *Comunicação, consumo e identidade: materialidades, atribuição de sentidos e representações midiáticas* do 6º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 14 e 15 de outubro de 2016.

<sup>2</sup> Publicitária com Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), São Paulo. Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Bolsista CAPES.

<sup>3</sup> AMADO, Aécio. Agência Brasil EBC, 30 set. 2015. Disponível em: <<http://agenciabrasil.etc.com.br/internacional/noticia/2015-09/oms-alerta-que-numero-de-pessoas-com-mais-de-60-vai-dobrar-ate-2050>>. Acesso em: 24 out. 2015.



a diminuição dos níveis de fecundidade e a maior longevidade, devido à redução dos níveis de mortalidade. De acordo com Borges et al. (2015, s/p):

O processo de transição demográfica ou transição vital é uma das principais transformações pelas quais vem passando a sociedade moderna. Ele caracteriza-se pela passagem de um regime com altas taxas de mortalidade e fecundidade/natalidade para outro regime, em que ambas as taxas situam-se em níveis relativamente mais baixos.

Essa transformação tem sido bastante divulgada pelos meios de comunicação. Em diversos programas – desde jornalísticos a entretenimento –, temos observado a tentativa de ilustrar as mudanças proporcionadas por esse quadro social.

Dentre esses, no *Programa Mais Você*, Ana Maria Braga explicou o que significaria a transição demográfica, segundo ela “Esse fenômeno de ter mais pessoas vivendo mais com mais idade”<sup>4</sup>. Em seguida, entrava a matéria na qual a repórter buscava esclarecer a questão para o grande público, mostrando a convivência entre pessoas mais velhas e mais jovens, trazendo números, gráficos ilustrativos e a opinião da especialista na questão do envelhecimento Mirian Goldenberg. Com um olhar positivo sobre a maior convivência das gerações, a reportagem enfocava vantagens para os mais novos – para quem a experiência dos idosos<sup>5</sup> e sua sabedoria significavam um estímulo à maior interação –, bem como para os mais velhos – que podiam se atualizar com os jovens ao passo em que tinham mais liberdade. O testemunho de Goldenberg no programa gerava legitimidade e distinção, fortalecendo o discurso circulante de liberdade e atividade associado às novas formas de viver a velhice na contemporaneidade:

O que era antes um muro virou uma ponte, uma conversa. E o que acho mais importante é que está (sic) mudando as representações negativas sobre as pessoas mais velhas. As próprias pessoas mais velhas estão mostrando: **sim, nós podemos ir à praia de biquíni... podemos dançar, namorar, dar beijo na boca, nós podemos tudo e muito mais**, então tudo que era proibido,

<sup>4</sup> Ana Maria Braga, Programa Mais Você (Globo, 2016), exibido em 25 de abril de 2016. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/mais-voce/videos/t/para-assinantes/v/mais-voce-programa-de-segunda-feira-25042016-na-integra/4979260/>>. Acesso em: 26 abr 2016.

<sup>5</sup> Consideramos a definição de idoso explicitada no Estatuto do Idoso (Lei 10.741), que assim denomina a pessoa a partir de 60 anos de idade, limite também adotado pelo IBGE. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm)>. Acesso em 10 jul. 2015.



cercado de tabus e preconceitos, está caindo, porque os mais velhos que viveram os anos 60 e os anos 70 não vão permitir que essas rotulações vigorem hoje. (on-line, grifo nosso)<sup>6</sup>

Como descreve Giddens (2002), os especialistas têm como missão fornecer continuamente informações para o aperfeiçoamento contínuo do indivíduo, alimentado também pela sua constante reflexividade. Como complementa esse autor, “Os novos especialistas são parte integrante da cultura terapêutica do narcisismo. Surgiu um novo paternalismo em que os especialistas de todos os tipos oficiam para as necessidades da população leiga”. (GIDDENS, 2002, p. 160-1)

A possibilidade de fazer “tudo e muito mais” vai ao encontro da maior visibilidade conferida à velhice numa era marcada pela sua reprivatização (DEBERT, 2012), ou seja, em que é necessário entender a velhice como responsabilidade individual. Nesse sentido,

A tendência contemporânea é rever os estereótipos associados ao envelhecimento. A ideia de um processo de perdas tem sido substituída pela consideração de que os estágios mais avançados da vida são momentos propícios para novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal. As experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que oferecem oportunidades de realizar projetos abandonados em outras etapas e estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos. (DEBERT, 2012, p.14)

Evidentemente, esse novo quadro de visibilidade e poder da terceira idade não surgiu de uma hora para outra. Seguiu na esteira de um processo social, no qual se destaca a criação do termo “terceira idade” por Laslett (1987), que vai além da questão do prolongamento etário, pois exigiu “uma ‘comunidade de aposentados’, com peso suficiente na sociedade, demonstrando dispor de saúde, independência financeira e outros meios apropriados para tornar reais as expectativas de que essa etapa é propícia à realização e satisfação pessoal”. (DEBERT, 2012, p. 19)

Na medida em que também são consumidores, aptos a consumirem produtos e serviços, inverte-se a lógica associada ao descanso e à exclusão da vida pública a

---

<sup>6</sup> Programa Mais Você (Globo, 2016), exibido em 25 de abril de 2016. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/mais-voce/videos/t/para-assinantes/v/mais-voce-programa-de-segunda-feira-25042016-na-integra/4979260/>>. Acesso em: 26 abr 2016.



partir da aposentadoria. Com isso, como assinala Debert (2012), a terceira idade se transforma em uma época de atividade e lazer. Assim, a “conspiração do silêncio” acerca da velhice denunciada por Simone de Beauvoir (1976) vai se tornando cada vez mais distante do atual contexto marcado pela convocação dos idosos a estarem em permanente atividade, buscando a felicidade e o aproveitamento de cada momento da vida como consumidores, pois “a transformação da terceira idade em segmento de mercado movimenta a economia e enseja novas configurações nas cartografias do consumo.” (CASTRO, 2014, p. 4).

Partimos do pressuposto de que a velhice não é uma categoria natural, mas sim socialmente produzida, pois “as representações sobre a velhice, a posição social dos velhos e o tratamento que lhes é dado pelos mais jovens ganham significados particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos” (DEBERT, 2006, p. 50). Nesse ponto, é de se perguntar: até que ponto a identificação do idoso na atualidade tem sido associada à liberdade e à atividade constante? Quais atributos seriam responsáveis pelo pertencimento à categoria de idoso? Que tipo de idoso tem ganhado visibilidade na mídia? Quais são os novos modelos de terceira idade?

Em busca de lançar luz sobre esses questionamentos, sem esgotá-los, contudo, considerando o breve espaço para discussão, analisamos o documentário *Envelhescência* (2015) e, mais detidamente, a série documental *Muitos anos de vida* (GNT, 2016). Antes, porém, adentramos no tema da identidade a fim de entender melhor como os discursos da terceira idade contribuem para a formação da identidade do idoso.

### **Identidade em processo**

Na atualidade, é preciso ter em vista que a identidade não é única, mas sim múltipla, plural e relacional, pois vai se transformando a partir dos vários modos de interação social. Dessa forma, considerando as variadas possibilidades de mudança e de ancoragem a partir da dinâmica social multifacetada, podemos entender que “estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de



ontologia, de ser, mas de se tornar” (HALL, 2003, p. 44). Emerge aqui a ideia de performatividade, conceito que “desloca a ênfase na identidade como descrição, como aquilo que é [...] para a ideia de ‘tornar-se’, para uma concepção da identidade como movimento e transformação”. (SILVA, 2014, p. 92)

De fato, perceber a identidade como um processo envolve uma essencial mudança de paradigma, pois confere mais importância ao ato de tornar-se, à identificação. O conceito de identificação, que vem da Psicanálise, também reforça a noção de construção – tanto individual como social. É preciso sempre reforçar que as identidades não são “elementos passivos da cultura, [...] têm que ser constantemente criadas e recriadas. [...] têm a ver com atribuição de sentido ao mundo social e com disputa e luta em torno dessa atribuição” (SILVA, 2014, p.96). Isso nos faz concluir que não há identidades fixas, pois os processos de diferenciação e construção da identidade não são lineares e sim dinâmicos, dependentes das interações sociais e do papel do sujeito em cada momento da vida, por exemplo.

Diante disso, consideramos que há diversas identidades em coexistência e sempre em processo – algumas afloram, outras se fortalecem, umas enfraquecem, outras desaparecem, mas sempre há um complexo jogo em formação, nunca finalizado. Esse processo de construção da identidade também inclui a percepção da diferença, pois é na inter-relação entre os dois conceitos que o sujeito se define. Ou, como bem define Silva, “a mesmidade (ou a identidade) porta sempre o traço da outridade (ou da diferença)” (SILVA, 2014, p.79).

Na atualidade, a formação da identidade do idoso passa pela questão da negação da velhice. Conforme Debert (2012) e Barros (2006) indicam a partir das pesquisas de campo realizadas, velho é sempre o outro. Seja qual for a idade, os idosos não se definem como velhos. Exemplar nesse sentido é a situação de muitos deles não aceitarem ficar na fila de idosos ou sentar nos assentos a ele destinados nos transportes públicos, como se rejeitassem o papel de velho, que pode ser explicado pela recorrência a estereótipos ligados a essa etapa da vida.



A velhice, como estigma, não está necessariamente ligada à idade cronológica. Os traços estigmatizadores da velhice evidenciados na literatura analisada ligam-se a valores e conceitos depreciativos: a feiúra, a doença, a desesperança, a solidão, o fim da vida, a morte, a tristeza, a inatividade, a pobreza, a falta de consciência de si e do mundo. (BARROS, 2006, p.139)

Por essa razão, velho não se torna uma categoria de autoidentificação: “o velho é sempre um outro e a velhice, um drama de todos em qualquer idade, porque todos ficarão velhos um dia.” (DEBERT, 2012, p. 229). Se o idoso não se identifica como velho, não se sente pertencendo à velhice, temos então a construção da sua identidade a partir da negação – da diferença, outridade – da idade avançada. Chegamos, assim, à busca da juventude, exacerbadamente valorizada na cultura brasileira, em oposição à velhice.

Ao que parece, se “velho é o outro”, o idoso busca na juventude uma forma de pertencimento, associada a atividades e a um modo de viver enaltecidos socialmente. As práticas antes ligadas aos jovens, principalmente aquelas consideradas mais arriscadas como esportes radicais, por exemplo, são incentivadas, independente da faixa etária, havendo uma dissociação entre juventude como faixa etária e uma nova atribuição de valor. Como comenta Debert: “Juventude perde conexão com um grupo etário específico, deixa de ser um estágio na vida para se transformar em valor, um bem a ser conquistado em qualquer idade, através da adoção de estilos de vida e formas de consumo adequadas.” (DEBERT, 2012, p. 21) Mais que isso, como aponta a autora em outra obra, “a promessa da eterna juventude é um mecanismo fundamental de constituição de mercados de consumo”. (DEBERT, 2010, p. 66)

Sendo assim, se velho é um termo pejorativo, carregado de estereótipos negativos, que faz com que eles neguem a identificação, jovem surge como sua atração irresistível, socialmente valorizada. Além disso, traz no seu bojo a ideia de adiamento do fim, ou seja, da morte, e de aproximação com liberdade e alegria, seguindo na corrente da nossa “era da felicidade compulsiva e compulsória” (cf. FREIRE FILHO, 2010, p. 17). Com isso, poderíamos nos arriscar a supor que o pertencimento do idoso parece estar ligado à juventude: tornar-se velho hoje é





aproximar-se do estilo jovem de ser. Entre as forças que fazem parte do processo de identificação da terceira idade, parece estar se fortalecendo a negação dos limites corporais e psíquicos, ao tempo em que o recolhimento como valor torna-se cada vez mais invisível.

### **O envelhecer em ação**

Observando as produções recentes acerca do discurso do envelhecer, nos chamou a atenção os audiovisuais com teor documental que ora definimos como nosso objeto nesse texto: o documentário *Envelhescência* (Gabriel Martinez, 2015) e a série *Muitos anos de vida* (Alberto Renault, GNT, 2016).

Nesse ponto, não podemos deixar de considerar a obra como uma construção, que traz em si o olhar do diretor, a sua intenção. É preciso ter em vista que há escolhas na forma como se escolhe os entrevistados/personagens, nas perguntas efetuadas, enfim, as condições de produção do documentário são definidoras para o seu resultado. Não conhecendo as condições de produção e o processo de escolha das personagens, trabalhamos aqui apenas com a materialidade discursiva – isto é, os documentários propriamente ditos. Sabemos que, mesmo com a intenção de mostrar algo, não há uma fidedignidade absoluta, o diretor sempre efetua o seu recorte no mundo histórico, a partir do seu olhar e suas referências de mundo. Trata-se, dessa forma, sempre de uma interpretação, de uma forma de contar, dentre tantas possíveis.

Tanto o documentário quanto o telejornalismo, a grande reportagem ou, para resumir, o filme de não ficção de maneira geral, jamais podem ser considerados portadores de “objetividade” e, muito menos, de “verdade”. Todos são construtos, artefatos fabricados pelas mãos e pelos olhos daqueles que empunham o instrumento de registro chamado “câmera cinematográfica” ou “videográfica”. (FREIRE, SOARES, 2013, p. 78)

Com essa noção de construto que norteia as produções, passamos a analisar cada uma delas. *Envelhescência* (2015)<sup>7</sup> apresenta “6 histórias de vida que inspiram

---

<sup>7</sup> O termo faz alusão à adolescência, significando uma fase de preparação para a entrada na velhice, e sua criação é atribuída ao escritor Mario Prata: “A envelhescência nada mais é que uma preparação para entrar na velhice, assim com a adolescência é uma preparação para a maturidade. Engana-se quem acha que o homem maduro fica velho de repente, assim da noite para o dia. Não. Antes, a



uma nova leitura sobre a terceira idade”<sup>8</sup>. Com direção de Gabriel Martinez e 84 minutos de duração, o documentário foi lançado no Centro Cultural Banco do Brasil de São Paulo em junho de 2015<sup>9</sup> e exibido em alguns cinemas. O trailer, disponível no site do projeto, teve grande repercussão nas redes sociais na época do seu lançamento, com mais de 200 mil visualizações no Facebook<sup>10</sup>.

Trazendo “um novo olhar sobre viver o envelhecimento”, a produção questiona limites da velhice e apresenta a opinião de especialistas sobre o tema, dentre os quais Miriam Goldenberg e Mário Sergio Cortella, que propõe “que a velhice seja vibrante e não só brilhante, não só radiante”.<sup>11</sup>



**Figura 1.** Imagem de lançamento do documentário *Envelhescência*<sup>12</sup>

Em contraste com a sisudez do homem do cartaz de lançamento do documentário, esse audiovisual apresenta o descontraído cotidiano de idosos cujas atividades impressionam. Apesar da avançada idade, eles pulam de paraquedas, fazem tatuagens, surfam, lutam, enfim, desempenham atividades intensas, muitas vezes

envelhescência.” Disponível em: <<http://www.viva50.com.br/voce-e-um-envelhecete-cronica-de-mario-prata/>>. Acesso em: 02 maio 2016.

<sup>8</sup> Fonte: <<http://www.envelhescencia.com.br/documentario/>>. Acesso em: 02 maio 2016.

<sup>9</sup> Houve também bate-papo com o diretor após uma das sessões.

<sup>10</sup> Conforme divulgado em sites, como <<https://www.aterceiraidade.com/arte-e-cultura/envelhescencia-um-novo-olhar-sobre-envelhecimento/>>. Acesso em: 02 maio 2016.

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://www.envelhescencia.com.br/documentario/>>. Acesso em: 02 maio 2016.

<sup>12</sup> Fonte: <<http://www.envelhescencia.com.br/documentario/>>. Acesso em: 02 maio 2016.





associadas à aventura e coragem dos jovens. Dentre as seis personagens apresentadas, apenas duas são mulheres: Edmea e Judith.

Edmea (67 anos) declara que começou a surfar aos 58 anos. Para ela, a velhice não está associada à idade, mas sim a atitude: “Só envelhece se quiser, porque a cabeça da gente é quem manda, né?”. Tal declaração, muito de acordo com o discurso midiático, direciona ao indivíduo a responsabilidade total pelo seu bem-estar e disposição, desprezando as naturais limitações corporais que advêm da idade avançada.

Já Judith impressiona pelo visual, com diversas tatuagens espalhadas pelo corpo, a primeira das quais foi feita aos 72 anos, como ela declara. “As pessoas perguntam: por que que ninguém te critica? Eu falo: porque meu sorriso vem na frente.” Com foco excessivo na questão da alegria, o sujeito relaciona a felicidade à juventude ao declarar de forma contundente: “Põe alegria na sua cara que você fica nova”. Freire Filho (2010) aponta que, segundo esse discurso em voga na contemporaneidade, a felicidade exigiria dedicação, condicionamento mental e gestão emocional, sendo uma construção unilateral do indivíduo, que precisa se esforçar para romper com a “vitimologia” e assumir o papel de único responsável por sua própria felicidade.

Também nesse documentário, vemos a fala dos especialistas (GIDDENS, 2002), inclusive Mirian Goldenberg, já citada nos comentários prévios acerca da abordagem do tema no *Programa Mais Você*. Segundo ela, “as pessoas não aceitam o imperativo ‘sejam velhos’.” Estão vivendo um momento de libertação, no qual podem reinventar a própria vida. O dever da felicidade surge, assim, interligado à ideia de se reconstruir e aproveitar a vida como jovens – sem limites, com coragem, ousadia e destemor.



Já a série documental *Muitos anos de vida* foi exibida no canal a cabo GNT entre março e abril de 2016<sup>13</sup> e atualmente está disponível na plataforma GNT Play<sup>14</sup>. Dirigida por Alberto Renault, conta com cinco episódios de 22 minutos de duração, em que as narrativas e seus respectivos personagens são reunidos pela faixa etária. Assim, o primeiro episódio aborda os 50 anos; o segundo, os 60, e assim por diante.

Estamos durando mais, muito mais. Cada vez mais velhos habitarão o planeta. Como atravessar as idades e aprender a envelhecer? Como envelhecer? Infinitas questões permeiam o assunto idade: a durabilidade das relações amorosas; as conquistas profissionais; a independência; a aparência, o corpo, a morte. O diretor Alberto Renault entrevistou 30 pessoas das mais variadas origens e classes sociais, e mostra esses encontros em episódios dedicados aos 90, 80, 70, 60 e 50 anos de vida. [...] Cada episódio dedicado a uma faixa etária. Cada episódio uma década de muitos anos de vida. (GNT, on-line)<sup>15</sup>

Após assistir aos cinco episódios, verificamos que o formato muito se assemelha ao do documentário anterior, embora não haja falas de especialistas, mas tão somente dos idosos. São personagens da vida real que mostram o que fazem, seu cotidiano e formas de viver a velhice. Em cada episódio, seis pessoas contam um pouco sobre sua vida, e surge também um breve resumo da sua história de vida, em *lettering*, mostrando o que torna aquela narrativa interessante – a superação após a viuvez, a descoberta de novas vocações e/ou hobbies, a obtenção de mais qualidade de vida após grandes mudanças, a vitória em esportes etc.

Nesse ponto, é de se destacar que a maioria dos homens (57%) traz como destaque da sua trajetória a boa forma física a partir da prática contínua de algum tipo de esporte, dentre os quais o surf (2), a ginástica (2), o atletismo, o skate, o iatismo. Esse é um aspecto inclusive destacado na peça de divulgação da série, na qual se vê dois homens: um que faz ginástica em barras, esbanjando força e equilíbrio, e o outro

<sup>13</sup> A série foi exibida no canal GNT nos seguintes dias: primeiro episódio em 09 de março; segundo episódio em 16 de março; terceiro episódio em 23 de março; quarto episódio em 30 de março e quinto episódio em 06 de abril de 2016.

<sup>14</sup> Disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/gnt/>>. Acesso em: 02 maio 2016.

<sup>15</sup> GNT. Muitos anos de vida. <<http://gnt.globo.com/programas/muitos-anos-de-vida/index.html>>. Acesso em: 02 maio 2016.



mostrando um invejável abdome, popularmente conhecido como “tanquinho”, apesar dos seus 69 anos.



**Figura 2.** Imagem de divulgação da série *Muitos anos de vida*<sup>16</sup>

Considerando a quantidade total de pessoas entrevistadas e mostradas nos cinco episódios da série, embora haja uma quantidade de mulheres (16) um pouco maior que de homens (14), o que é notável é que oito deles, isto é, 57% dos homens da série, referem-se com orgulho ao esporte, e não há nenhuma faixa etária em que o esporte não tenha destaque.

**Tabela 1.** Quantidade de homens e mulheres nos episódios da série *Muitos anos de vida* e sua relação com o esporte<sup>17</sup>

	<b>Homens</b>	<b>Homens no esporte</b>	<b>Mulheres</b>	<b>Mulheres no esporte</b>
Episódio 1 - 50 anos	03	02	03	-
Episódio 2 - 60 anos	04	03	02	-
Episódio 3 - 70 anos	02	01	04	-
Episódio 4 - 80 anos	03	01	03	02
Episódio 5 - 90 anos	02	01	04	01
TOTAL	14	08 (57%)	16	03 (18%)

Dentre as mulheres, o esporte não chega a ocupar lugar de grande destaque. Apesar de algumas delas praticarem atividades esportivas, havendo inclusive medalhista mundial de natação e uma bailarina, tal vigor não constitui o eixo de grande número das narrativas, como ocorre dentre as histórias masculinas. Aqui o

<sup>16</sup> Fonte: <<http://gnt.globo.com/programas/muitos-anos-de-vida/index.html>>.

<sup>17</sup> Fonte: Elaborado pela autora desse texto.



esporte está relacionado a apenas 18% das narrativas femininas, o que é revelador sobre o quanto homens e mulheres vivem a velhice de forma diferente.<sup>18</sup>

De fato, Debbert (2012), após pesquisa de campo com idosos, também registra distintas formas como homens e mulheres se relacionam com a velhice. Enquanto as mulheres veem nessa fase a possibilidade de maior liberdade, ao criar as próprias regras e ter mais independência, os homens situam-se em posição diametralmente opostas: “nenhum dos entrevistados considerou que poderia estar vivendo uma experiência privilegiada em relação às outras etapas da vida, mesmo quando avaliava que seu poder aquisitivo era maior do que antes” (DEBERT, 2012, p.186). Longe de buscar generalizações, a pesquisa indica pistas de modos diferentes de encarar a velhice a partir da mudança de papéis. Os homens entrevistados pela autora fazem referências melancólicas à velhice do passado, quando os pais e avós eram respeitados. Já as mulheres tendem a perceber na velhice saudável um novo momento de descobertas e emancipação, principalmente para aquelas que foram criadas sem perspectivas de estudos e carreira e dedicaram-se ao casamento, filhos e tarefas do lar, ficando restritas a uma vida com papéis claramente definidos: “no mundo contemporâneo, a conquista da liberdade feminina é, para elas, um fato irreversível e redefine o que é envelhecer. Pela primeira vez é aberto um espaço para as mulheres de mais idade criarem novas regras e estilos de vida.” (DEBERT, 2012, p. 185)

No mesmo sentido, nessa série documental, verificamos que entre as mulheres, destacam-se histórias de transformações em busca de qualidade de vida e paz interior, com certo orgulho de viver produtiva e independentemente. Elas reclamam das limitações do corpo (principalmente joelho, vista, menopausa), mas declaram-se felizes e realizadas com elas mesmas. Uma hipótese possível para isso pode estar na maior flexibilidade em aceitarem-se em suas limitações, ignorando os padrões de beleza tão rígidos com a mulher.

---

<sup>18</sup> A partir do trailer do filme *Envelhescência*, também vemos que o esporte é tido como chave de sucesso e de qualidade de vida velhice para pelo menos três, dos seis, homens, que praticam corrida, karatê e saltam de paraquedas. Aqui as mulheres também são mais aventureiras – uma delas é surfista, a outra anda de moto.



Para Bourdieu (2010), a gestão do corpo feminino não deixa de ser uma evidência da dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos e as mantém sempre em dependência, já que o corpo das mulheres seria um “corpo-para-o-outro”. Mais recentemente, Goldenberg (2015, p. 58) identifica na busca do corpo perfeito “uma das mais cruéis fontes de frustração feminina do nosso tempo” e “um retrocesso no processo de emancipação feminina”.

Ao conferir mais importância a aspectos interiores que externos, a terceira idade para a mulher parece estar associada a um abandono da obsessão com a aparência em troca de mais preocupação com o bem-estar psíquico e afetos. Uma delas, logo no primeiro episódio, deixou de pintar os cabelos brancos e por isso é questionada se é a mais velha das irmãs, quando na verdade é a caçula. Outra reclama de certa invisibilidade da mulher no Brasil a partir de certa idade, diferente do que acontece quando viaja para a Europa, local onde é paquerada. Revelador desse *ethos* mais liberto é um trecho do depoimento de Aurélia (75 anos) que declara: “Eu não quero saber de espelho, eu quero saber de estar bem comigo mesma.”

No mesmo sentido, a partir de grupos de discussão, Goldenberg (2015) também percebeu essa tendência entre as mulheres. Segundo a autora, elas “percebem o envelhecimento como uma descoberta, altamente valorizada, de um ‘eu’ que estava encoberto ou subjugado pelas obrigações sociais, especialmente pelo investimento feito no papel de esposa e mãe” (GOLDENBERG, 2015, p. 41). É o que fica claro também a partir do revelador depoimento de Iracema Genecco, 64 anos, no segundo episódio da série:

Quando eu cheguei aos 60, eu só preciso desfrutar dos meus 60. Não tenho mais que correr atrás de trabalho, não tenho mais que... a minha família tá criada, eu consigo me resolver sozinha... então ficou perfeito. Eu consegui a tranquilidade de ser eu mesma depois dos 60.

A liberdade e a realização para as mulheres desses audiovisuais parece diferente do bem-estar dos homens. Esses também se reinventam, mas para eles o esporte parece ser um eixo definidor da sua forma de viver a velhice.





### Considerações finais

A análise do documentário *Envelhescência* (2015) e, mais detidamente, da série documental *Muitos anos de vida* (GNT, 2016) traz muitos pontos que nos levam a refletir e geram novas inquietações a serem melhor investigadas posteriormente. O primeiro traz seis histórias, o segundo, trinta – seis histórias a cada episódio. Em comum, o questionamento de limites e a subversão da imagem de recolhimento e apagamento associadas à velhice.

Embora não se possam fazer generalizações, o que percebemos é que ao contrário dos homens, a grande conquista presente nas narrativas femininas desses audiovisuais está associada à ideia de reinventar-se, aproveitar a vida e redescobrir-se, ou seja, o foco é no seu desenvolvimento interior e ganha força a recorrência à reflexividade (GIDDENS, 2002) e à felicidade obrigatória (FREIRE FILHO, 2010). Os homens, todavia, mostram-se mais dependentes da força física e vigor como sinais exteriores de sucesso e bem-estar na velhice. Em comum, no entanto, surge a importância da atitude positiva como receita de viver bem a nova fase, ainda que com negação da idade e do “ser velho”. Velho é o outro e a alegria “faz o velho ficar novo”. Em tempos de grande valorização da juventude e da novidade, cabe a pergunta: estariam os velhos se tornando jovens?

### Referências

- AMADO, Aécio. **Agência Brasil EBC**, 30 set. 2015. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2015-09/oms-alerta-que-numero-de-pessoas-com-mais-de-60-vai-dobrar-ate-2050>>. Acesso em: 24 out. 2015
- BARROS, Miriam Lins de. (org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BEAUVOIR, Simone de. **A velhice I: a realidade incômoda**. São Paulo: Difel, 1976.
- BORGES, Gabriel Mendonça; CAMPOS, Marden Barbosa de; CASTRO E SILVA, Luciano Gonçalves. Transição da estrutura etária no Brasil: oportunidades e desafios para a sociedade nas próximas décadas. In: ERVATTI, Leila Regina; BORGES, Gabriel Mendes; JARDIM, Antonio de Ponte (orgs.). **Mudança Demográfica no Brasil no Início do Século XXI: subsídios para as projeções da população**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2015. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv93322.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2016.





BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CASTRO, Gisela. G. "O envelhecimento na retórica do consumo: publicidade e idadeismo no Brasil e Reino Unido". In: Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), 24., 2015, Brasília. **Anais...** Brasília: Universidade de Brasília, 2015.

DEBERT, Guita Grin. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (org.). **Velhice ou Terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p.49-67.

DEBERT, Guita Grin. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 49-70, jul./dez. 2010.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2012.

FREIRE FILHO, João (org.). **Ser feliz hoje**: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

FREIRE, Marcius; SOARES, Rosana. História e narrativas audiovisuais: de fato e de ficção. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, ano 10, v. 10, n. 28, p. 71-86, maio-ago., 2013.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Edusp, 1993.

GIDDENS, Antony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOLDENBERG, Mirian. **Coroas**: corpo, sexualidade e envelhecimento na cultura brasileira. Rio de Janeiro: BestBolso, 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

### Referências audiovisuais

**Envelhescência**. Direção: Gabriel Martinez. Produção: Samarah Kojima. Brasil: 2015. 84 min. Disponível em: <<http://www.envelhescencia.com.br/documentario/>>. Acesso em: 02 maio 2016.

GNT. **Muitos anos de vida**. Direção: Alberto Renault. Produção: Alex Mehedff, Gualter Pupo, Luis Vidal. Brasil: Hungry Man, 2016. 22 min. (cada episódio). Disponível em: <<http://gnt.globo.com/programas/muitos-anos-de-vida/index.html>>. Acesso em: 02 maio 2016.

Globo. **Programa Mais Você** (2016), exibido em 25 de abril de 2016. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/mais-voce/videos/t/para-assinantes/v/mais-voce-programa-de-segunda-feira-25042016-na-integra/4979260/>>. Acesso em: 26 abr 2016.